



CATEQUESES QUARESMAIS

Introdução

Como de costume, o Cardeal-Patriarca fará, na Sé de Lisboa, uma Catequese em cada um dos seis Domingos da Quaresma. Essas catequeses são um meio de ajudar a comunidade diocesana a viver a Quaresma e a preparar a celebração da Páscoa. Habitualmente tratam de pontos relacionados com o Programa Diocesano de Pastoral ou de temas sugeridos pelo Santo Padre para a Igreja Universal. É o caso deste Ano de 2010. O Ano Sacerdotal, convocado pelo Santo Padre por ocasião dos 150 anos da morte de São João Maria Vianney, o Cura d'Ars, sugeriram os temas destas Catequeses Quaresmais.

Além dos fiéis que se reúnem na Catedral para as escutar, tem havido a preocupação de as fazer chegar a um maior número de fiéis. Os meios utilizados para isso têm sido: a transmissão em directo pela Rádio Renascença; o envio do texto, por correio electrónico, a um número significativo de sacerdotes e fiéis; a sua disponibilidade no "site" do Patriarcado; a edição escrita no volume anual das "Obras Escolhidas", de que acaba de sair o 12º Volume.

Este ano introduzimos um novo instrumento que permitirá aos fiéis, pessoalmente ou em grupo, trabalharem o tema da Catequese antes de ela ser pronunciada. É para esse trabalho que serve o presente guião.

1ª Catequese: "A FUNÇÃO SACERDOTAL"

1. Para podermos perceber e aprofundar a dimensão sacerdotal na Igreja de Jesus Cristo, ajuda-nos a compreensão da função sacerdotal nas outras religiões e, sobretudo, no Antigo Testamento. No centro está sempre as relações dos homens com Deus, aparecendo o sacerdote como um mediador entre os homens e Deus. Nas religiões extra-bíblicas, essa relação é, sobretudo, dos indivíduos com a divindade, na medida em que não há o sentido de uma comunidade crente. No povo bíblico aparecem duas dimensões que marcam a diferença e a especificidade: as relações com a divindade são, não apenas de cada crente individualmente, mas da comunidade crente, o Povo da Aliança, que aparece como um sujeito na relação com Deus; o centro de interesse não é posto nas relações dos homens com Deus, mas nas relações de Deus com o Seu Povo, o que supõe a experiência da revelação de Deus. Deus é o primeiro interessado em comunicar-se ao Seu Povo.

2. A especificidade do Povo da Aliança

A vocação única de Israel como Povo da Aliança, marca a especificidade da atitude sacerdotal do Povo de Deus. Foi Deus que tomou a iniciativa de Se revelar e ao fazê-lo, constituiu para Si um Povo. Revelou-Se como um Deus Único, que não se confunde com os outros deuses, que adoram os outros povos. É um Deus vivo, origem de toda a vida (é um

Deus criador); é um Deus Santo e fonte de toda a santidade; é um Deus que quer estar em comunhão com os homens, por isso forma para Si um Povo com quem faz Aliança. Espera que esse Povo lhe responda em santidade e fidelidade, e O louve com toda a sua vida, como Deus quer e merece ser louvado.

❖ *Texto bíblico a ler neste momento: Ex. 19,3-8*

É o texto solene da Aliança. Por tudo o que Deus fez em favor do Seu Povo, espera a fidelidade do Povo, que obedeça à Sua Palavra, e O louve com a sua fidelidade. Esta atitude de fidelidade e de louvor é a atitude sacerdotal. Todo o Povo a deve ter. **“Eu ter-vos-ei como um reino de sacerdotes e uma nação consagrada”.**

A primeira tradução grega da Bíblia, chamada dos LXX, traduz “reino de sacerdotes”, que alguns começaram a interpretar como um reino onde há sacerdotes, por um único substantivo singular, que podemos traduzir por “reino sacerdotal”. A dimensão sacerdotal é do Povo enquanto Povo da Aliança.

A história concreta de Israel mostrou que não foi fácil todo o Povo, na sua fidelidade e santidade, oferecer a Deus o louvor perfeito. Israel acabará por adoptar, à imitação dos outros povos, uma estrutura sacerdotal, de mediadores entre Deus e o Povo. Mas a Teologia de Israel nunca mais esquecerá que a função sacerdotal desses sacerdotes é fazerem com que toda a comunidade da Aliança louve o seu Senhor, seja Povo Sacerdotal.

3. Pontos para reflexão:

3.1. Na nossa vivência da fé cristã, como se exprime esta dimensão sacerdotal? Qual é a prioridade, a nossa relação pessoal cm Deus, ou temos consciência de que somos membros de um Povo, que Deus quer Santo e que espera que O louve? É na Eucaristia que isto se vê claro: vou à Missa porque é bom para mim, porque tenho obrigação, ou vou para me juntar à comunidade, ao Povo do Senhor, para, em comunidade, louvar o Senhor?

3.2. No sacerdócio eu procuro, sobretudo, a minha relação com Deus, ou a motivação primeira é acolher o Senhor que entra em relação connosco, revelando-Se, comunicando-nos vida, fazendo-nos sentir o Seu amor?

4. As funções dos sacerdotes

Até Moisés, o Povo de Deus não tinha a instituição sacerdotal. As funções sacerdotais eram exercidas ou pelo pai de família, ou mesmo pelos Reis e chefes de tribo. A atitude sacerdotal, porque menos institucionalizada, estava mais ligada à vida. Ela era espontânea em circunstâncias precisas. Com o sacerdócio levítico instituído, o lugar da função sacerdotal passa a ser exclusivamente o santuário, a tenda da reunião ou, mais tarde, o Templo. Relativiza-se o sacerdócio familiar (cf. Lev. 17,1ss). O Santuário passa a ser o lugar do culto.

Mas o seu sentido profundo continua a ser o mesmo. O culto é atitude do Povo Santo, o Povo com quem Deus fez Aliança. O sacerdote preside e faz chegar a Deus o culto

da comunidade. O culto é louvor, é adoração, manifestação de obediência a Deus e fidelidade à Aliança, é prece pelas necessidades concretas do Povo. As suas expressões principais (os actos de culto) são os seguintes: o sacrifício, o oráculo ou serviço da Palavra, os actos de consagração e de bênção.

4.1. **O sacrifício.** Afirma-se como expressão principal do serviço sacerdotal. Na sua essência é uma oferta que agrada a Deus, do melhor que se tem. O Povo de Israel vai percebendo, sobretudo através da pregação dos profetas, que a oferta que mais agrada a Deus é um coração puro, que pratica a justiça. As outras ofertas, como de animais, de frutos da terra, se não forem expressão desse coração puro, não agradam a Deus.

❖ *Ler Amós, 5,21-27*

O que se oferece a Deus fica a pertencer-Lhe, é realidade sagrada. A palavra "sacrifício" significa isso: tornar sagrada uma realidade humana oferecida a Deus.

No culto, o Povo tem consciência do seu pecado. Através do "sacrifício" oferecido, ele implora a misericórdia e o perdão. Os **sacrifícios de expiação** ganham grande relevo na Liturgia de Israel.

4.2. **Proclamar a "Bênção de Deus"**. Deus atende as preces do Seu Povo e responde, sobre a forma e "bênção". Compete ao sacerdote comunicar ao Povo essa resposta de Deus, proclamar a "bênção de Deus". Nos cultos pagãos havia o **oráculo**, normalmente expresso através das artes mágicas de adivinhação dos "magos" ou "videntes".

Israel rejeita estas artes mágicas e divinatórias. O Deus de Israel é um Deus pessoal, que fala directamente ao Seu Povo. Comunicar a Palavra do Senhor é função dos sacerdotes e dos profetas.

O ministério sacerdotal tinha, já no Antigo Testamento, uma dimensão profética. Devido à infidelidade dos sacerdotes, Deus envia profetas, o que mostra a importância que tinha para Deus esta comunicação da Sua Palavra. Alguns destes profetas são sacerdotes, como Jeremias e Ezequiel, outros não. Surge uma certa tensão entre sacerdotes e profetas. Estes aparecem com mais liberdade que os sacerdotes. Nestes, o ministério da Palavra tem regras rituais:

- A narração dos grandes feitos de Deus. Alimentar a memória é importante para a fé de Israel;
- À luz dessa memória, o sacerdote explica a Lei de Deus. Eles são os intérpretes normais da Lei;
- Nesta interpretação da Lei, os sacerdotes respondem às dúvidas e questões práticas dos crentes;
- Torna a Lei compreensível e acessível na redacção dos diversos códigos.

O sacerdote aparece ao Povo como o homem do conhecimento. É o mediador da Palavra de Deus na sua forma tradicional de História da Salvação e de códigos de vida.

Quando os sacerdotes se limitaram ao culto e perderam este ministério do conhecimento e da sabedoria, a tensão com os profetas era inevitável (cf. Os. 4,4-6; S....)

5. A Santidade que Deus deseja para o Seu Povo, exige a santidade do culto e esta exige a santidade dos sacerdotes (Ez. 44,15-31).

5.1. A falta de santidade dos sacerdotes é denunciada pelos profetas e a principal causa de tensão entre profetas e sacerdotes.

- Os profetas denunciam os sacerdotes:
 - ✓ Contaminação do culto, misturando-o com usos pagãos (Os. 4,4-11)
 - ✓ Sincretismo pagão em Jerusalém (Jer. 2,26ss)
 - ✓ Violação da Lei (So. 3,4; Jer. 2,8; Ez. 22,26)
 - ✓ Interesses pessoais (Mi. 3,11)
 - ✓ Falta de zelo pelo culto do Senhor (Mal. 2,1-9)
- Por seu lado os sacerdotes, que têm poder, perseguem os profetas, que são incômodos.

5.2. Esta situação faz surgir o ideal escatológico (messiânico) de sacerdotes puros e santos. Paralelamente ao messianismo real, que anuncia o Messias como Rei Justo de Israel, aparece a ideia de um Messias Sacerdotal (cf. Za. 3,8; 6,11), a que não é alheia a figura do **Filho do Homem** celeste, do Profeta Daniel, designação messiânica que Jesus aplica a Si Mesmo.

5.3. Nesse tempo escatológico, o tempo definitivo, todo o Povo de Deus será Santo e será todo o Povo que oferecerá a Deus o culto perfeito. Ele será um Povo Sacerdotal (Ez. 40-48; Is. 60-62; 2,1-5).

5.4. Tudo converge para a vinda do Messias e instauração do reino messiânico. O Messias será um Rei justo e o Sacerdote perfeito. Porque Ele será Santo, a função cútica e a função profética voltam a estar unidas na mesma função sacerdotal. Ao mesmo tempo que oferece o sacrifício de louvor, ele escuta a Palavra de Deus e anuncia-a ao Povo.

6. Pontos para reflexão:

6.1. *Como se encontra já anunciado o sacerdócio de Cristo e da Igreja, nesta compreensão da função sacerdotal do Antigo Testamento. Em que medida isto interpela a Igrejas como Povo Sacerdotal e os sacerdotes na Igreja?*

6.2. *A harmonia entre dimensão profética e a função sacerdotal estará hoje completamente conseguida?*